

# Cartas de António Feliciano de Castilho a Camilo Castelo Branco no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro\*

*Ida Ferreira Alves* \*\*

No âmbito do Núcleo “Manuscritos e Autógrafos” do Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, em contato com um material variado e bastante provocativo<sup>1</sup>, especialmente para o pesquisador da área de Letras e História, trabalhamos com maior atenção e detalhamento um conjunto de 207 cartas que António Feliciano de Castilho remeteu a Camilo Castelo Branco, ao longo de treze anos (1862 a 1875), e que, por caminhos ainda não completamente definidos, acabaram se depositando no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro<sup>2</sup>.

A primeira carta desse conjunto é datada de 27/03/1862 e a última de 18/05/1875, além de sete cartas sem data. Desse total de cartas encontram-se já publicadas as datadas de 1864, 1865 e 1866, com três exceções (07/07/1866, 27/08/1866 e 26/12/1866), mais cinco de 1868, perfazendo o total de 54 cartas. Para essas publicações (edições de somente 200 exemplares, das décadas de

---

\* A pesquisa que ora se apresenta contou com o apoio de uma bolsa pesquisador Senior subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras sediado no Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, no período de setembro de 2004 a agosto de 2005.

\*\* Professora de Literatura Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Núcleo “Literatura Portuguesa” do Pólo de Pesquisas sobre Relações Luso-Brasileiras – PPRLB.

vinte e trinta do século XX, há muito esgotadas) utilizaram-se as cópias existentes na Torre do Tombo, no Espólio Castilho, mas a transcrição, em geral, apresenta variação extensiva de pontuação, alguns equívocos de leitura e, por vezes, salto de palavras e mesmo períodos. No conjunto da correspondência de Castilho, existente no Real Gabinete, encontram-se também cartas dos seus filhos a Camilo Castelo Branco: cinco cartas de Eugénio de Castilho e seis cartas de Júlio de Castilho, como também três cartas de um dos irmãos de Castilho, José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, escritor e jornalista, que viveu no Rio de Janeiro e muito atuou na imprensa local.

Com exceção das cartas de 1864 e 1865, utilizando um papel azul claro fino, de maior extensão, em estado mais precário, com utilização de tinta ferrogálica, as restantes cartas, em folha dupla sem pauta, estão em bom estado para manuseio e leitura. Apresentam dobraduras típicas das cartas enviadas pelo correio da época. Somente três apresentam selo, carimbo do correio e indicação de destinatário numa das faces dobradas. Praticamente todas estão assinadas por Castilho, e pelo que podemos verificar na Torre do Tombo, constituem material original recebido por Camilo Castelo Branco.

Sabemos que esse conjunto de cartas foi doado pelo bibliófilo Garcia Saraiva, junto com sua biblioteca, ao Real Gabinete Português de Leitura, conforme documentação encontrada. Numa das fichas bibliográficas de seu arquivo, ao anotar comentário sobre um livro publicado sobre a correspondência camiliana, registrou: “CASTILHO e CAMILLO (Inéditos do Arquivo da Torre do Tombo) – Correspondência trocada entre os dois escriptores – prefácio e notas de João Costa - primeiro conservador do arquivo. Coimbra, 1924 – [...] Pertencem à minha collecção de autógraphos os originaes de quase todas as cartas de Castilho aqui publicadas e extrahi-[...] de cópias”. Sobre a existência dessas cópias, explica Júlio de Castilho<sup>3</sup>, na introdução aos volumes dedicados à correspondência de seu pai a vários destinatários, no conjunto de *Obra Completa de António Feliciano de Castilho* (Castilho, 1903-1910):

Em 1856, a instancias de amigos, destinou-se um livro branco de papel especial, para ahi se registrar com tinta comunicativa tudo que o poeta fosse ditando [...] Do ano de 1868, quase todo, possuímos as cartas de Castilho, n'um copiator mecânico então usado em casa d'ele, mas tão imperfeitamente estampadas, que há páginas ilegíveis.

A leitura inicial que fizemos dessas cartas, na primeira etapa de catalogação, mostrou a relevância dessa correspondência por seu conteúdo de crítica e comentários sobre obras, questões literárias e escritores da época, para além dos diversos fatos comezinhos da vida diária. Assim, por meio do que dita<sup>4</sup> o poeta cego António Feliciano de Castilho, figura respeitada ao seu tempo, ao outro escritor, seu amigo, figura literária das mais importantes do século XIX, acompanhamos um panorama de época a revelar determinadas relações sócio-político-literárias que refletem, no à vontade da conversa entre amigos, o cotidiano e valores culturais das décadas de 60 a 70 do século XIX.

No entanto, para que esse interesse se comprove, e acreditando ser necessário que se divulgue esse conjunto de cartas, parcialmente inédito, realizamos a transcrição completa e a coleta de informações necessárias para a análise proposta, o que possibilita demonstrar o que essa correspondência publicada no seu conjunto pode significar para maior ou melhor compreensão do contexto sócio-literário em torno de Camilo Castelo Branco.

O romancista de Ceide é o destinatário da grande maioria das cartas que se encontram no acervo da seção “Manuscritos e Autógrafos” do Real Gabinete. A bibliografia camiliana passiva é notável e sobre sua extensa correspondência também muito já se publicou. Mas nosso trabalho de pesquisa, no entanto, ao focalizar um dos seus mais importantes correspondentes, António Feliciano de Castilho, buscou deslocar a atenção para esse escritor cuja obra, atualmente, é pouco lembrada ou mesmo desconsiderada, o que se evidencia na quantidade restrita de material crítico publicado a seu respeito. Mais conhecido negativamente pelo confronto com

Antero de Quental a partir da famosa *Questão Coimbrã* do que por isenta avaliação crítica de sua extensa produção e inegável participação na cultura portuguesa oitocentista., sua obra literária está esquecida (o que, convenhamos, não é de todo injusto...), mas também está igualmente desprezada sua produção reflexiva de caráter múltiplo que pode nos valer hoje como documento cultural de uma época e das relações de produção e circulação literárias ali manifestas. Alguns críticos (VENÂNCIO, 1998 e MOURÃO-FERREIRA, s.d, mas artigo é datada de 1975) já indicaram a necessidade de se discutir a avaliação parcial que se tem dado normalmente a esse escritor o qual, nos seus limites de atuação, pensou a poesia, as artes, a cultura (e sua circulação) e a instrução popular de seu tempo. Igualmente registre-se a ressonância da obra de Castilho no Brasil oitocentista, onde aliás esteve, durante o ano de 1855, divulgando seu método de leitura, e onde tinha o irmão José Feliciano de Castilho, responsável por diversos projetos importantes de publicação, como a “Livraria Clássica Portuguesa”.

Lembremos que muitas das cartas escritas por Camilo para Castilho estão publicadas em três importantes coletâneas: 1- de 1924 (*Castilho e Camilo – correspondência trocada entre os dois escritores – inéditos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo*, prefácio e notas de João Costa (1º conservador do arquivo), numa edição de 200 exemplares, 317 páginas, compreendendo o período de 01/09/1864 a 06/06/1870, 2- de 1930 (*Camilo e Castilho – correspondência do primeiro dirigida ao segundo*, coordenada por Miguel Trancoso e prefaciada por António Baião, Director do Arquivo da Torre do Tombo, edição da Imprensa da Universidade de Coimbra, igualmente 200 exemplares, com 122 páginas, compreendendo o período de 28/10/1866 a 19/05/1875, incluindo algumas cartas de Camilo para Júlio de Castilho, o filho primogênito de António Feliciano; 3- mais recente, a edição de 1985, *Correspondência de Camilo Castelo Branco com António Feliciano de Castilho – Eugénio de Castilho e Júlio de Castilho*, 2 volumes, com recolha, prefácio e copiosas notas de Alexandre Cabral, que examina 180 cartas de Camilo a Castilho, a primeira de 21 de julho de 1861 e a última com data de 19 de maio de 1875.

Essas três coletâneas têm em comum, como era de prever, a preocupação de destacar as cartas escritas por Camilo Castelo Branco e de enfatizar a correspondência em torno da *Questão Coimbrã*. A de 1924 acrescenta algumas cartas de António Feliciano de Castilho apenas para maior compreensão do diálogo entre os dois escritores. A de 1930 e a de 1985 não publicam cartas de Castilho. São edições que se complementam, sendo a de Alexandre Cabral a mais completa e a mais esclarecedora pela quantidade e qualidade de seus comentários, além do rigor no confronto com as edições anteriores e com o material reunido no Espólio Castilho arquivado na Torre do Tombo.

Mas, para que realmente se possa acompanhar inteiramente a relação que uniu os dois escritores numa conversa longa sobre o seu tempo e suas vidas, é fundamental que se dê vez também à voz de Antonio Feliciano de Castilho, para que, através dela, se possa ver, por outro ponto de vista, Camilo Castelo Branco e a cultura literária em que estavam imersos. O espólio de Castilho, incluindo muitos rascunhos de suas cartas escrupulosamente arquivados por sucessivos secretários (cf. Cabral, 1985, v. I, p. 9), foi entregue por seu filho Júlio de Castilho ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo (cf. Cabral, *op.cit.*, p.8). Júlio de Castilho também coordenou a publicação da obra completa do pai, com a apresentação de sua correspondência<sup>5</sup> em 3 volumes (volume 77 a 79), mas não estão incluídas cartas para Camilo. Também até onde pudemos verificar não há nas publicações sobre a correspondência entre Camilo e Castilho qualquer referência ao conjunto de cartas existentes no Real Gabinete Português. Em seu livro sobre a correspondência entre os dois escritores, Alexandre Cabral aponta as falhas no espólio Castilho (“[...] visto terem desaparecido (ou não foram encontrados) os rascunhos das cartas de Castilho.” p. 24) e os equívocos cometidos por Costa (1924) em relação à datação, leitura de palavras, interferência nos originais (pontuação). Assim, é importante e significativo demonstrar que parte do material epistolar de Castilho existente no Real Gabinete continua inédito, lançando alguma luz sobre as zonas de sombra que edições anteriores da correspondência de Castilho e de Camilo deixaram. A divulgação desse material

contribui, certamente, para maior compreensão do lugar ocupado por esse escritor e das relações críticas vivenciadas com o amigo Camilo Castelo Branco.

Se acrescentarmos ao rol impressionante, a rede de ligações indirectas que o clã Castilho mantinha com o resto da imprensa, e se nos lembrarmos da força imensa que já então desfrutava a comunicação escrita (não era por acaso, nem por mero snobismo, que grupos com interesses divergentes procuravam criar os seus próprios órgãos – tal como hoje), ficaremos com uma ideia globalizante da tremenda audiência alcançada pelos Castilhos, em especial António Feliciano de Castilho, o seu mais prestigiado representante, e avaliar da influência que este veio a exercer na literatura portuguesa. (CABRAL, 1985, p.17)

No decorrer de nosso trabalho de pesquisa, realizamos a leitura comparativa entre o material arquivado no Real Gabinete Português de Leitura e o que já foi publicado em 1924 ou referenciado nas edições de 1930 e 1985. Em seguida, fizemos a transcrição completa de toda essa correspondência<sup>6</sup>. Essa leitura comparativa comprovou as falhas e equívocos cometidos na edição de 24, como aliás já afirmara Alexandre Cabral, e possibilitou alguns dados que auxiliam no esclarecimento de questões por ele apontadas, preenchendo certas lacunas que o material então compulsado apresentara, a saber: 1) o desfalque do espólio de Castilho na Torre do Tombo, com desaparecimento de rascunhos das cartas; 2) a total ausência de cartas de Camilo a Eugénio de Castilho; 3) o destino ignorado de cartas de Camilo que estariam depositadas no Museu Imperial de Petrópolis, no Rio de Janeiro. O desejo de Cabral de que mais espécies viessem à luz como peças de um quebra-cabeça inacabado pode ser realizado, em parte, pelo acervo do Real Gabinete, com o qual, pelo que soubemos, tomou contato tardiamente<sup>7</sup>.

Assim o acervo de Castilho ora estudado propicia aos estudiosos interessados alguns trajetos específicos no tratamento de questões várias relacionadas à escrita literária e à cultura portuguesa oitocentista, considerando relações de recepção e crítica, o que também pode favorecer a discussão sobre essa figura cultural oitocentista que foi António Feliciano de Castilho frente ao confronto entre a tradição e a renovação, rastreando-se modos de ver e escrever não só a cultura portuguesa do seu tempo, como também os valores críticos que sua pena declara ou silencia de forma significativa.

A proposta de trabalho com correspondência de escritores funda-se no interesse de encontrar nesse material testemunhos críticos sobre contemporâneos e a cultura literária que lhes é própria. Considerando que a carta é um tipo de texto pessoal, mais subjetivo e distenso, seu conteúdo tanto pode ser avaliado como frágil para uma análise crítica mais pragmática, como pode representar um espaço de escrita menos controlado para expressão de valores, idéias e reflexões, ainda mais quando se trata de correspondência entre dois escritores do porte de António Feliciano de Castilho e Camilo Castelo Branco.

A História das Mentalidades discutindo as matérias e os documentos históricos contribuiu sobremaneira para a valorização de estudos de suportes até então pouco considerados, como é o caso de correspondência pessoal, inventários, testamentos, diários, etc. A nova perspectiva no desenvolvimento de estudos históricos permitiu a valorização de matérias e processos até então desconsiderados como capazes de demonstrar percursos históricos válidos para compreensão de uma época ou de valores. A Nova História possibilitou, na área das Mentalidades, o fortalecimento do tema da sociabilidade considerado a partir do estudo de documentos particulares que comprovam comportamentos, gostos, valores e idéias. Assim é o caso de correspondência pessoal que pode ser de extremo interesse para compreensão de um grupo social e de uma época (LE GOFF, 2001; FOUCAULT, 2002 e CHARTIER, 1988).

Dentre diversos materiais de consulta, a correspondência entre escritores é especialmente reveladora, pois o diálogo mantido entre eles pode evidenciar um panorama mais concreto e diversificado da realidade que os cercava e os provocava a escrever, pensar e criticar. As cartas possibilitam o exercício de uma sociabilidade menos comprometida com etiquetas e limites e acabam por narrar, ainda que de forma fragmentária e descontínua, uma outra história cultural (BURKE, 2003). Por outra perspectiva, a correspondência é uma escrita intimista de um sujeito que exerce no papel uma maior liberdade de pensar. Muitas vezes torna-se uma espécie de material autobiográfico por meio do qual podemos seguir sentidos de uma vida em sociedade (LEJEUNNE, 1996).

No caso da correspondência de Antório Feliciano de Castilho a Camilo Castelo Branco, dois escritores especialmente críticos de seu ambiente sócio-político cultural, o exercício dessa “escrita de si” possibilita para o leitor de hoje acompanhar determinadas relações de produção, circulação e recepção de idéias e obras literárias do século XIX português, o que pode significar uma outra forma de considerar a história literária e questões críticas como o confronto entre a tradição e a renovação, a construção do cânone e a concepção de valores literários.

Com esse horizonte, nosso trabalho com a correspondência de Castilho se vale de estudos críticos sobre o escritor e seu tempo, mas principalmente de estudos mais teóricos sobre os limites do literário, a construção do discurso crítico e cultural, a circulação de obras literárias no século XIX ao lado da compreensão histórica de uma época em que a escrita exerceu papel fundamental para definição de modos e projetos sociais (MENDES, 1980; SANTOS, 1988 e TENGARRINHA, 1989).

## Análise do *corpus* – alguns percursos

*Nos meus trabalho todos estou realmente atrasado, porque não tenho tantos secretários como precisava...Por este lado estou mal, e muito, porque não posso dar vazão à quarta parte do que tenho para fazer...*

(Fragmento de carta de António Feliciano de Castilho, in Memórias de Júlio de Castilho, v.5, p.30)

Para os objetivos deste artigo, destacamos das cartas pesquisadas algumas passagens que nos permitem verificar de forma mais concreta o diálogo mantido entre Castilho e Camilo. Ler as cartas de Castilho dirigidas ao escritor mais novo e a quem considera como um filho muito amado, chamando-o freqüentemente de Camilinho, é ver por meio de Castilho o romancista que não parava de produzir e que compreendia a literatura como *profissão* envolvendo pesquisa e representação crítico-social. Um escritor que era respeitado por todos e muito solicitado em termos de produção: que viessem mais livros, mais obras, mais um posicionamento crítico, mais uma análise, uma contribuição jornalística. Um homem que, aos quarenta e poucos anos, parecia um velho queixoso à beira da cova, para quem a idéia de suicídio era muito atrativa, muito antes do gesto final que marcou sua biografia. Em oposição, Castilho, mais velho cerca de vinte anos, é um entusiasta, atento ao seu tempo, às novidades, ao que se publica, ao que se encena. Ávido de notícias, conversador, a correspondência múltipla e constante que manteve com diversas figuras de seu tempo comprova sua ânsia de comunicar e participar na vida sócio-cultural circundante. Impressiona ao leitor de suas cartas ditadas a diferentes secretários a forma como esse escritor cego *vê* seu meio cultural por meio das leituras que lhe fazem e pelas poucas sombras que seus olhos ainda conseguiam perceber, como explica seu filho Julio de Castilho. “Tudo isso era ditado a correr, quanto a pena dava, o período nascia-lhe no cérebro de repente, tomava forma, polia-se

e saia-lhe na voz.” (1910, p. 11) Quanto mais depressivo nos surge Camilo, mas entusiasmado é o tom de Castilho, exaltando o amigo, incentivando-o, e exigindo, de uma certa maneira, que Camilo jamais se entregasse ao desânimo e ao recolhimento em si. Castilho figura-se como homem social, voltado para o exterior, defensor apaixonado dos amigos, detrator exaltado dos *inimigos* em assuntos literários. O Camilo que se depreende dessa correspondência fecha-se em São Miguel de Ceide e em si, a literatura parece ser a única forma suportável de viver com os outros e para os outros. Castilho freqüentemente exorta o amigo a sair de Ceide para encontrá-lo em Lisboa, não só para romper o quadro doentio em que parece se afundar, como para participar concretamente da vida literária que os cerca. Ainda que Castilho demonstre grande consideração com os achaques camilianos, há também em suas cartas um certa impaciência com a hipocondria do amigo, já que um doente grave não teria a energia de trabalho que Camilo demonstrava. Com certa ironia, escreve Castilho: “Não está má impotência a que produz, a que improvisa, quando menos se esperam, três volumes!” (carta de 22 de junho de 1867) <sup>8</sup>.

As cartas de Castilho dão-nos conta, ainda que de forma entrecortada como é característico do discurso epistolar, de práticas camilianas para a escritura de suas obras, como a coleta de dados históricos e/ou bio-bibliográficos para informar seus trabalhos. Em cartas datadas de 7, 18, 23, 26 e 27 de janeiro de 1867, por exemplo, Castilho procura enviar informações que possam auxiliar o amigo na produção de uma *História do Púlpito*, que não se cumpriu aliás.

As cartas de Castilho traçam com vivacidade e grande coloquialidade um painel das questões literárias que o envolveram como a *Questão Coimbrã*, a polêmica em torno de seu trabalho de tradução de obras de Molière e Goethe (a famosa *Questão Faustina*, principalmente, de 1872-1873), o confronto permanente entre os jovens escritores de então e os valores literários que Castilho prezava, os procedimentos legitimadores da academia, a discussão ortográfica. Por vezes surpreende o ponto de vista de Castilho ao

defender o progresso, a flexibilidade gramatical, a criação no trabalho de tradução, pois o perfil que se depreende das cartas parece não combinar com a figura clássica, tradicionalista e ultrapassada que, geralmente, a crítica do século XX impôs a Castilho, repetindo a imagem que a *Questão Coimbrã* figurou do velho escritor, o “arcade póstumo” (Cf. Venâncio, 1998, p. 57).

Em carta de 25 de janeiro de 1867, explica a Camilo:

Lá na orthografia é que eu já estou vendo que hão-de seer canas com canniças, começando logo porque nesse particular meu irmão e eu somos diametralmente antípodas: elle todo pelas etymologias; eu todo pela fidelidade da representação grafica da palavra fallada; elle adora nisto o passado com verdadeiro fanatismo; eu, talvez com fanatismo verdadeiro tambem adoro o futuro; elle deseja como homem de Academia; eu como homem de escola primária, que é ella e não as Academias quem há-de [ilegível] o mundo. Eu não hesito quando se trata de optar entre a erudição e o progresso; entre um alarde vão e realidades importantíssimas; entre retrogradados e progredidos[?].

Sobre sua atividade de tradutor, a que muito se dedicou nas últimas décadas de sua vida, expõe pontos de vista que bem podemos considerar *modernos*, na medida em que entende o trabalho de tradução como criação e não mera transposição. Em carta a Camilo datada de 16 de outubro de 1872, reclama “[...] E depois quem prohibiu nunca a um traductor, que é também á sua parte escriptor e poeta, emprestar galas e jóias appropriadas ao seu predecessor para o apresentar mais decente e bem aceito, à sociedade onde o vinha (escreveu e riscou: queria) apresentar?”

Leitor voraz (melhor seria dizer: ouvinte voraz...), comenta em sua correspondência as leituras várias, mas especialmente e com imensa admiração, os romances que Camilo vai publicando, dando

conta da recepção, dos comentários críticos publicados em jornais, revistas e de outros escritores que freqüentam seu círculo de amizades. Repetidas vezes, Castilho exalta a obra camiliana, aponta seus pontos mais característicos, evidencia a importância que o romancista tem na sociedade literária portuguesa. Chega a transcrever um verbete sobre o escritor com o qual se deparou no 3º tomo do *Grand Dictionnaire Universel* de Pierre Larousse, lamentando que seja “um artigo excessivamente curto, e lastimosamente incompleto; mas enfim por ser uma obra de francezes, para os quaes Portugal apenas existe, sempre tem alguma valia [...], para mais adiante afirmar: “Conhecia já esta coisa? Muito triste é para um verdadeiro genio ter nascido n’uma terrinha tão discriminada com esta nossa.” (carta de 11 de abril de 1873)

A admiração que Castilho nutre pelo escritor mais jovem é de tal ordem que repetidas vezes afirma a importância de sua obra e lamenta a estreiteza dos horizontes portugueses de sua época que não retribuem de forma concreta o valor de sua pena. Transcreve cartas recebidas em que outras figuras de seu conhecimento louvam Camilo, como a de 11 de março de 1873, em anexo (carta 3). E a esse respeito a discussão sobre o título nobiliárquico que Camilo perseguia para garantir o futuro dos filhos também é assunto na troca de cartas.

Acompanhamos os esforços de Castilho, já Visconde, para auxiliar na realização desse desejo, ainda que em vão. Sobre isso, em carta sem data, mas provavelmente de 1870, escreve:

Irei hoje á noite a casa do nosso Marechal pedir-lhe-hei uma audiencia secretta e expor-lhe-hei o meu requerimento, estou persuadido creio que seu grande amor proprio de que é negocio para seer logo concluido apenas lembrado. Se hoje o não achar, ou não poder fallar-lhe o que nada me admirará porque segundo oiço anda todo absorvido na alta pollitica repettirei amanha as mesmas dilligencias e depois de amanha e athe ao infinito: alguma vez há de o diabo não estar detras da porta.

Mas, frente ao insucesso da missão e da aspiração de Camilo, em tom lamentoso, escreve em carta de 15 de outubro de 1870:

[...] A não ser isso, como podiam elles recusar a um homem de tão incontestavel superioridade o que aliás se desbaratava com hommunculos dos mais vergonhosamente insignificantes.

Há! Meu amigo, quando eu vejo a corja de titulares que já não sendo mais baetos e nojentos que as moscas, e a qual todavia via ainda em crescimento, acho que devo dar a V.Exa. mil e mil parabéns de ter milagrosamente escapado da vergonha de se ver amolado numa confraria da qual eu dera tudo por poder sahir.

Assigne com orgulho com o nome de Camillo Castello Branco os mais foros de nobresa que for dando com os seus livros á nossa literatura, aos seus filhos, e a todos os filhos de Portugal. [...]

Acompanhamos ainda, pelos comentários de Castilho, o sucesso de dramas camilianos representados em Lisboa, e a curiosa solicitação de ajuda para que Camilo supervisione a representação da tradução livre de *O Avaro* que Castilho fizera e que seria levada à cena no Porto, e mesmo faça alterações necessárias nos manuscritos. “[...] O mesmo lhe torno a pedir agora aqui e com a maior instancia. Onde vir que o dialogo transborda do angustioso leito prescripto n’acção theatral, corte sem misericórdia. Onde noteis inverossimilhança remediavel, acuda-lhe. Onde o portuguez lhe destoas, concerte-o. Onde a rima lhe não cahir natural, substitua-lhe outra que o seja. Onde tiver o sal por pouco fino, que isso em Molière é frequente, empreste-lhe do seu que é sempre do melhor.[...]” (carta datada de 21 de novembro de 1870).

Também lemos sobre o grande interesse do Imperador do Brasil, D.Pedro II pela obra de Camilo e o envio para ele, como lembrança da maior importância, de cartas camilianas dirigidas a Castlho.

[...] As suas precedentes cartas já lá estão encerradas na mala do consulado brasileiro. Se não fiz bem, se fiz mal em as enviar ao barão do Bom Retiro, homem, segundo todos me dizem, muito prudente e muito honrado, peço perdão da leviandade de que todavia ainda não acabo de me arrepender. Para que se há de sonegar o que é de si formosíssimo e o é a qualquer luz que se considere?

Conceda-me amnistia completa pelo facto consumado e seja ainda mais generoso: dê-me salvo conduto para eu obrar sempre nestes negocios como entender. [...]

(carta de 21 de março de 1872)

A leitura contínua dessas cartas, seguindo cerca de treze anos de convívio epistolar, possibilita a reunião de muitas informações sobre figuras literárias maiores e menores do século XIX, sobre o círculo literário português com seus sucessos efêmeros, seus jovens escritores, alguns hoje nomes consagrados, outros completamente esquecidos, sobre o movimento de jornais e revistas, as práticas de edição e mesmo de propaganda de obras literárias (“Quando é que eu anunciei obra minha em cartazes sesquipedaes pelas esquinas da capital? Quando deitei bando de arlequins como elle para fazer chamatão ao povo?”), carta de 17/10/1872), as dificuldades, as redes de apoio e de recepção, enfim, um panorama parcial, entrecortado, mas vivo o suficiente, do cotidiano literário oitocentista que Castilho acompanhou a seu modo ao longo de sua vida adulta, cerca de sessenta anos de uma vida dedicada às Letras.

Portanto, a edição completa desse conjunto de cartas pode iluminar significativamente o conjunto de cartas camilianas já divulgadas, esclarecendo, completando e informando dados que tanto interessam aos camilianistas, mas também àqueles preocupados com os estudos literários oitocentistas em geral.

Para além disso, o material pesquisado, ditado por Castilho e transcrito por diversas mãos, fornece um panorama muito variado

e interessante da língua portuguesa escrita ao longo do século XIX. Como o nível cultural dos secretários de Castilho variava<sup>9</sup>, também variava a ortografia, com nítida predominância por uma escrita que tentava seguir de muito perto a fala de quem ditava. Muitas formas gráficas presentes nas cartas comprovam mudanças vocálicas curiosas, aproximando-se muitas vezes da fala brasileira atual. As formas de tratamento, o léxico, o discurso irônico, as despedidas, etc permitem o acompanhamento da realidade lingüística de um determinado grupo social e suas formas de relacionamento. É, assim, uma fonte igualmente importante e interessante para os estudiosos da língua portuguesa do século XIX.

Seguir essa conversa sem voz é, enfim, acompanhar na simplicidade da vida diária com seus achaques e alegrias triviais, uma experiência de amizade (por vezes manchada por certas afirmações cruéis camilianas, em correspondência a outros amigos) que nos explica um pouco a vida sócio-literária em que estiveram imersos. Enfim, a correspondência torna-se um documento que deve ser respeitado como uma exercício de subjetividade que revela muito o que é ser e viver no tempo em que se escreve. Se não explica tudo, pelo menos nos propicia uma outra narração e nos desloca para um imaginário social que muito nos provoca. Não deixa de ter razão o filho mais velho de Castilho quando, na apresentação da correspondência múltipla do pai, afirmou: “A colecção das cartas de um homem, se pudesse existir completa, era a sua biografia mais autêntica.” (CASTILHO, 1910, p. 12)

## Anexo

## (Carta 1)

Lisboa 22 de junho de 1867

Meu caro Camillo

Eu não sou medico, posto seja filho de medico; contudo quem se criou com um homem que o era deveras; e de mais a mais tem vivido muito anno, póde formar, ácerca de saude alguns juizos, pelo menos para si.

Se me admite o principio, permita-me dizer-lhe, que sem negar os seus padecimentos, corporaes, que seria mais que pironismo, tenho para mim, que o seu pior mal, e o que lhe agrava todos os outros, é o seu humor melancolico.

Contra esse, é que devia combater constantemente, e por todos os modos a sua possantissima razão.

Pois não vê, meu caro amigo, que essa decadencia de espirito de que tantas vezes se queicha, é constantemente desmentida, isto é negada, pelas proprias cartas em que assim se deplora? e por tudo mais que sae da sua penna?

Eu andava contristado por não ter com que o refutar plenamente, e de modo que o podesse convecer. Mas isso que me faltava deu-m'o agora V. Ex<sup>a</sup>. com a noticia dos seus tres romances novos.

Não está má impotencia a que produz, a que improvisa, quando menos se esperam, tres volumes!

Ponha-me seriamente os olhos nisso, e reconhecerá comigo que o seu engenho, é hoje, e ha-de ser provavelmente muitos annos ainda, o mesmissimo que sempre foi.

Do voto do poeta

..... mens sana in corpore sano

possue V. Ex<sup>a</sup>. em cheio a primeira metade; e quanto á segunda, póde ser que tambem não esteja tão mal como fantasia.

Parece-me que para a sua natureza, e para os seus habitos, a solidão, que tanto lhe deu já, daqui ávante não tendo mais que lhe dar, só poderia impecer-lhe, azedal-o, ao cabo, se a tempo lhe não fugisse, destruil-o.

Venha, venha pois, para os seus amigos de Lisboa. Venha espaiarecer-se em ares novos; venha aprender outra ves a rir, que não falta de quê nestas literaturas que por aqui vão.

O retrato de meu irmão entreguei-o ao nosso Thomaz para lh'o levar; não creio, que já agora não será elle o portador, pois foi para o Estoril a tractar da sua saude.

A Delfina vai ser editada; ou editorada como agora deram em diser, pela Associação Typografica. O poema Uma Primavera de Mulher ainda não sahiu, e não sei porquê, estando as ultimas provas revistas ha já meses.

Já saberá que o nosso Chagas foi suplantado no concurso pelo Soromenho deles. Pobre rapas! Já tinha comido metade dos miolos; agora , vai assar o cerebello para a ceia.

Na alfandega ainda não resolveram o negocio do despacho do Virgilio.

Recebes já as Georgicas?

As cinco gravuras que lhe pertencem só poderão vir lá para o fim deste anno ou começo do seguinte. Resolveu-se portanto vendel-as separadamente. Enquanto as não receber; não encaderne o seu exemplar.

Saudades do Eugenio. Todos nós o desejamos aqui e muito.

A Senhora D Anna e os meninos, acompanham-no, não é assim? Farão muito bem, porque para uma cura, as saudades nem por isso são a melhor tisana.

Mas quando calcula que poderei ler o primeiro dos seus tres romances novos? Responda-me se poder e lhe não custar, pois bem sabe

[incompleta]

## (Carta 2)

Lisboa 19 de novembro de 1867

Meu carissimo Camillo

Recebi a sua datada de amanhã, mas que provavelmente foi escripta no dia 12, e não respondi immediatamente por não saber, para onde me deveria dirigir no sobrescrito, visto achar-se de partida para Coimbra. Imagino que a estas horas terá já regressado ou ao Porto ou ás Delicias. Esta irá á ventura remetida para o Porto.

Pelo amor de Deus não me diga nem creia para si que tem já acabada a sua tarefa litteraria neste mundo. Mal haja o demonio da melancolia que assim o persegue e o quer por força arrancar da via triumphal.

Fie-se em mim que não sou capaz de o enganar, e fie-me no juizo de muito boa gente com quem eu fallo: eles não sabem nem eu, nem ninguém se a veia caudal da sua invenção foi já mais abundante do que nos apparece nestes seus ultimos romances, isto é: não sabemos nem podemos comparar o trabalho e tempo que lhe levariam a inventar e perfazer cada um dos seus livros dos annos anteriores e cada um dos que lhe sairam este anno. Possivel é ainda que o não julgo provavel que por má disposição física, por apprehensões de homem que tem a desgraça de ter algumas luzes de medicina ou por outro qualquer motivo que os póde haver innumeraveis cada pagina da Doida ou da Bruxa lhe consumisse mais alguns minutos e paciencia do que em geral cada umma da Queda d'um Anjo ou do Bem e o mal, mas que importa isso se em ultimo resultado, tão esmeradas e tão de oiro são estas de agora como as de então!

V. Ex<sup>a</sup>. póde saber melhor que nós a satisfação que experimenta ao escrever; mas o que nós sabemos decerto melhor que V. Ex<sup>a</sup>. é que a satisfação que experimentamos ao lel-o não é hoje menor do que já fôra.

Não creia pois, nem torne a dizer acabei. Recobre a fé que deve ter no Talento e na sua estrella que tão boa e fiel lhe tem sido. Reanime-se, e lembre-se do Eutello(?) da Eneida que tambem se

julgava já decepado pela velhice e quando se resolveu a abraçar de novo os cestos escangalhou com a sua força herculea ao moço Dares, deixando afogada em sangue a insolencia.

Não se enterre vivo que é morte muito horrorosa e muito impia. Continue a ralar invejosos, a ensinar ignorantes, a doar á patria preciosidades e a acrescentar com a sua a nossa gloria.

Lembre-se de que são rarissimos os que hoje escrevem portuguez, e que soa novissimos consercadores d'esta maravilhosa lingua, é V. Ex<sup>a</sup>. incontestavelmente o que mais a tem opulentado, e a pode, e a deve portanto ainda, opulentar.

Não dê gostos com uma abdicação intempestiva a meia duzia de talentinhos que se coram a si de dormideiras imaginando que são loiros, e detestam, sem se atreverem a confessal-o, as grandes reputações, com que a d'elles se sente decerto incompetivel!

Lembre-se da comedia e rifão castilhanu Muere-te e verás.

Não, não se deixe morrer antes de tempo meu querido Camillo. Olhe que ainda não chegou, nem provavelmente chegará nunca ás ultimas humilias do Arcebispo do Gil Blas.

Isto que lhe eu prego aqui da abundancia da minha convicção é o que não menos lhe está aconselhando e meu proprio exemplo, a minha contumacia em poetar.

Em Deus nos apagando a vida ou o espirito, então adormeceremos, e então, mas só então que nos surram os bizoiros á roda da sepultura.

Animo! da parte da amizade lh'o requeiro. Um romance novo já já. A Freira por exemplo. Comece-o e verá como elle hombraia com os seus melhores, se por ventura os não exceder a todos.

Mostre esta carta á nossa Ex<sup>ma</sup> e Ex<sup>te</sup> Senhora D Anna, e verá como ella lhe diz convencidissima que tenho razão; e tenho e tenho e tenho; assumo como para me assignar

De V. Ex<sup>a</sup>.

o mesmo que sempre

A. C.

## (Carta 3)

Meu caro Camillo

Lx<sup>a</sup> 11/3/73

Antes de hontem foi a 12 representação do Tartufo: enchente a deitar fóra. Hoje repeti-se. Do Avarento nada ainda lhe posso dizer; nada me consta, nem sequer quando poderá ir á scena.

Ahi [rasgado no canto superior] vae copia textual do que n'este momento me chega do Ant<sup>a</sup> Augusto:

Meu Castilho

No dia 6 do corrente ás 8 da noite estando a meza do jantar a reler a carta de Guia de Casados na edição novissima, recebi na tua carta o precioso e cordeal abraço do Camillo Castello Branco, e não te pedi logo para lhe agradeceres muit<sup>o</sup> em meu nome o apreço em que elle tem as m<sup>as</sup> palavras, porque projectei ir ver-te, e escrever-lhe a elle. Boas contas lança (ilegível)... Não pude fazer nem uma coisa nem outra.

Queria ir levar-te o meu livro do Celibato. Não fui nem posso ir. Mando-t'ó com mil affectos e saudades. Queria escrever ao Camillo e mandar-lhe o livro. Talvez não possa fazer senão metade. O livro irá hoje pelo correio.

Não tem que me agradecer o Camillo. Eu digo e escrevo o que sinto. É verdade que n'esta nossa terra muita gente diz de uns o bem que lhes não descobre, e d'outros o mal que elles não têm. Nem ignoro que alguns admiram em segredo e desdenham em publico com receio de crearem reputação maior que a propria. Em tão pouco tem a sua. Pois eu não sou assim.

O Camillo é escriptor de primeira ordem e creador de um genero de litteratura em Portugal. Não o honrar muito seria grave culpa de nós todos. Desgostal'-o, indelevel infamia. Voto (?) direi enquanto fôr vivo e tiver de escrever a respeito d'elle.

Desde 1866 tenho por muitas vezes instado com alguns ministros para lhe assegurarem o pão da velhice, e lhe darem as distincções que elle merece, e que são tambem uma especie de pão espirital que as nações devem aos seus melhores. Emprego não o

consegui para elle porque não havia. Ás honras pôz o José de Moraes tal preço que difficilmente lhe chegaram os que ganharam longa riqueza a vender pretos ou em pior officio. D'este substantivo honra dissia um amigo meu francez, que o melhor meio de obter o plural, era não fazer caso nenhum do singular.

No fim de tudo, ser dos primeiros escriptores de uma nação culta, é distincção superior a todas as outras, e não se pode conceder por decreto aos Brasileiros e commerciantes de trato grosso (?) ou delgado. Tem essa boa condição.

Adeus meu padre-mestre (?) em Lethras e em tudo. Já escrevi mais do que podia, e do que a tua bondade me pode supportar. Vou trabalhar

[incompleta]

## Referências bibliográficas

BRAGA, Teófilo. *História do romantismo em Portugal*. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1880. P. 407-515. [edição moderna: Lisboa: Ulmeiro, 1984]

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento* [de Gutenberg a Diderot]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CABRAL, Alexandre. *Correspondência de Camilo Castelo Branco com António Feliciano de Castilho – I e II*. Lisboa: Horizonte, 1985.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Caminho, 1988.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CASTILHO, Julio de (org.). *Obras completas de António Feliciano de Castilho*. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1903-1910.

CHAVES, Castelo Branco. *Castilho – Alguns aspectos vivos da sua obra*. Lisboa; Seara Nova, 1935. (reprod. Em *Crítica inactual*. Lisboa: Arcádia, 1981)

- \_\_\_\_\_. *O lugar de Castilho na literatura portuguesa*. In Diário de Lisboa, 27 dez 1962 (pseud. Félix Manuel)
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- COSTA, João (org.). *Castilho e Camilo. Correspondência trocada entre os dois escritores*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924.
- FERREIRA, Alberto. *Estudos de cultura portuguesa (século XIX)*. Lisboa: Moraes, 1979.
- \_\_\_\_\_. e MARINHO, M. José (eds.). *Antologia de textos da "Questão Coimbrã"*. Lisboa: Moraes, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Perspectiva do Romantismo português*. 3ªed. Lisboa?Porto: Litexa Portugal, s.d.
- FRANÇA, José Augusto. *O Romantismo em Portugal* [estudos de factos socio-culturais]. Lisboa: Livros Horizonte, 1974-1975. V. 4
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. 4.ed. Lisboa: Veja, 2002.
- LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEJEUNNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. [nouvelle édition augmentée]. Paris: Seuil, 1996.
- MARQUES, A.H. de Oliveira. *História de Portugal*. 3.ed., Lisboa: Palas, 1986. 3v.
- MARTINS, Oliveira. *Portugal contemporâneo*. Lisboa: Europa-América, s.d. (2 volumes)
- MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal*, v.5 [O liberalismo – 1807 – 1890]. Lisboa: Estampa, 1998.
- MENDES, Margarida Vieira. *O conceito de poesia na 2ª metade do século XIX à luz dos prefácios de então – persistência do Romantismo*. In. LEPECKI, Maria Lucia et at. *Para uma história das ideias literárias em Portugal*. Lisboa: INIC/CLEPUL, 1980.
- MOURÃO-FERREIRA, David. *Sobre viventes*. [com artigo sem título sobre António Feliciano de Castilho]. Lisboa: Dom Quixote, s.d. p. 33-53.
- PATO, Bulhão. *Memórias*. Lisboa: Perspectivas e Realidades, 1986.

- ROCHA, Andrée. *A epistolografia em Portugal*. 2.ed. Lisboa: INCM, s.d.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos. *Intelectuais portugueses na primeira metade de oitocentos*. Lisboa: Presença, 1988.
- TENGARRINHA, José. *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.
- TRANCOSO, Miguel. *Camilo e Castilho / correspondência do primeiro dirigida ao segundo*. Lisboa: Imprensa Nacional da Torre do Tombo, 1930.
- VENÂNCIO, Fernando. *Estilo e preconceito. A língua literária em Portugal na época de Castilho*. Lisboa: Cosmos, 1998.

## Notas

<sup>1</sup> Sobre esse material demos notícia inicial em artigo anterior “A relíquia que não é de Eça (e outras histórias)” publicado nesta mesma revista, nº 20, 2003. p.96-104.

<sup>2</sup> Em seu *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, Alexandre Cabral, em verbete sobre o poeta Luís Guimarães, informa que “Luís de Magalhães serviu de intermediário na venda de parte da biblioteca de Camilo e de valioso lote de autógrafos epistolográficos, presentemente na posse do Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, o comprador primitivo.”

<sup>3</sup> Na transcrição de citações de Julio de Castilho, de fragmentos das cartas de António Feliciano de Castilho e de suas duas cartas transcritas integralmente em anexo, conservamos a grafia e a pontuação originais.

<sup>4</sup> Durante toda a sua vida, o escritor contou com o auxílio de diferentes pessoas para o registro de suas idéias: irmãos, filhos e alguns secretários contratados.

<sup>5</sup> No volume 1 das cartas, escreve Júlio de Castilho: “Em largos períodos da vida, nomeadamente nos seus interessantes anos de gestação intelectual em Coimbra, não deixou registos; mas n’outros a piedade fraternal e filial, e o zelo de alguns secretários, o convenceu a que permitisse cópias. D’essas cópias autênticas, conservadas chronologicamente em massas, nos servimos hoje para esta publicação. Muitas missivas nos foram obsequiosamente entregues pelos destinatários ou por seus herdeiros; de outras, que foram por acaso parar às mãos de colecionadores, tivemos licença para extrair traslados; alguma, enfim, pescaram-se nos alfarrábios da feira da ladra.” (p. 5)

<sup>6</sup> Estamos preparando edição desse material para consulta dos interessados.

<sup>7</sup> Informação dada por sua esposa, Fernanda Cabral, em conversa informal durante o 2º Congresso Internacional de Estudos Camilianos, em Famalicão, nas novas instalações da Casa de Camilo / Centro de Estudos, em maio de 2005. Alexandre Cabral faleceu em 1996.

<sup>8</sup> Sobre essa questão, leiam-se as cartas n.ºs 1 e 2 em anexo.

<sup>9</sup> De acordo com as memórias de Júlio de Castilho sobre seu pai.

## Resumo

Este texto apresenta a pesquisa realizada sobre conjunto de 207 cartas de António Feliciano de Castilho a Camilo Castelo Branco, do acervo de “Manuscritos e Autógrafos” do Real Gabinete Português de Leitura. Alguns trajetos de análise e de reflexão sobre as representações culturais que tal espécie de material possibilita.

**Palavras-chave:** António Feliciano de Castilho; Camilo Castelo Branco; cultura portuguesa oitocentista

## Abstract

This text presents the research about the set of 207 letters from A.F. de C. to C.C.B. of the “Manuscritos e Autógrafos” archives found in the RGPL. Some lines of analysis and reflections about the cultural representations made possible by such material.

**Key-words:** António Feliciano de Castilho; Camilo Castelo Branco; the eighth century Portuguese culture.